

## **Roger Chartier: contribuições e perspectivas gerais de suas obras**

### *Roger Chartier: contributions and general perspectives of his books*

Aline de Jesus NASCIMENTO<sup>1</sup>

#### **Resumo**

Esse trabalho tem por objetivo demonstrar ideias selecionadas do historiador francês Roger Chartier que foram abordadas em suas obras no decorrer da sua trajetória intelectual. A análise não pretende ser exaustiva, sendo o intuito maior desenvolver de modo geral quatro temas: as mudanças nas formas de leitura na substituição do rolo ao códice que não aconteceu de modo instantâneo, a questão de autoridade que envolve a produção do livro, as formas de leitura possibilitadas pela Biblioteca Azul e a revolução atual no suporte material do texto que se torna eletrônico.

**Palavras-chave:** Roger Chartier. Suporte de leitura. Texto.

#### **Abstract**

This work aims to demonstrate selected ideas of the French historian Roger Chartier that were approached in his works in the course of his intellectual trajectory. The analysis does not pretend to be exhaustive, and the main aim is to develop in general four themes: the changes in reading patterns in the substitution of the roll to the codex that did not happen instantaneously, the question of authority that involves the production of the book, the forms of reading made possible by the Blue Library and the current revolution in the material support of the text that becomes electronic.

**Keywords:** Roger Chartier. Reading support. Text.

#### **Introdução**

Roger Chartier faz parte da geração de intelectuais que seguem a linha historiográfica atual com o propósito compreender os aspectos sociais do homem no tempo pelo viés cultural. Em suas obras, demonstra como a prática de leitura se

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- Câmpus de Assis. E-mail: [aline.d.j.nas@gmail.com](mailto:aline.d.j.nas@gmail.com)

desenvolveu dentro de alguns períodos de tempo, sendo assim, um especialista renomado no assunto.

Chartier é um historiador preocupado com a evolução do livro, experiências de leitura e proliferação do universo textual, temas que são relativamente novos na problemática histórica e que são elencados porque a atualidade coloca em questão todo o universo do livro, desestabilizado por causa do meio eletrônico.

Suas obras seguem direcionadas por três segmentos principais -representação, prática e apropriação, não é favor de uma definição puramente semântica do texto por acreditar que a relação entre criação e consumo, entre produção e recepção, são interdependentes. Isso significa que todo texto é produto de uma leitura, ou seja, a construção do livro como um todo só pode existir com uma gama de interpretações dos leitores. Além disso, considera que a leitura é uma prática que envolve gestos, espaços e hábitos.

As maneiras de utilizar o produto, nesse caso, o texto, pode ser entendida por meio de características culturais dos indivíduos que se apropriam do objeto, entretanto, ressalta-se que o conceito de cultura é arriscado e tênue, sendo uma área instável dentro do tempo histórico, assim como a estruturas sociais não são também um dado objetivo. O caminho encontrado seria então analisar as representações, práticas e apropriações na sua especificidade:

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. (CHARTIER, 1988, p.26)

É consenso que o historiador se debruça sobre as práticas do passado, Chartier pretende ir além, para ele existe uma distância entre as práticas e os discursos, principalmente no que diz respeito ao quesito cultural. Reflete acerca dos modos como um texto pode ser lido em momentos distintos ou outras realidades das que foram produzidas. O autor acredita que há uma série de interpretações, mediações e apropriações que fazem com que seja necessária uma história destas formas de leitura. (SANTOS, 2011, p.83)

Para descrever uma cultura é necessário compreender a totalidade das relações que nela se encontram entrelaçadas, o conjunto de práticas que nela se exprimem, as representações do mundo, do social ou do sagrado (CHARTIER, 2003, p.18). Tarefa árdua conectar a prática a aquele que escreve, pois existe uma diferença entre os leitores que o livro supõe que irá atingir e aqueles que ele realmente irá atingir, é preciso considerar, nas próprias palavras de Chartier (1991, p.178), que

a reflexão metodológica enraíza-se, com efeito, numa prática histórica particular, num espaço de trabalho específico. O meu organiza-se em torno de três pólos, geralmente separados pelas tradições acadêmicas: de um lado, o estudo crítico dos textos, literários ou não, canônicos ou esquecidos, decifrados nos seus agenciamentos e estratégias; de outro lado, a história dos livros e, para além, de todos os objetos que contem a comunicação do escrito; por fim, a análise das práticas que, diversamente, se apreendem dos bens simbólicos, produzindo assim usos e significações diferenciadas.

Ao perpassar suas obras, se vê a preocupação em compreender a difusão e efeitos do livro das mais variadas origens, com um elo entre a história dos objetos de leitura e a dos usos para poder confrontar estratégias e táticas, seja de autores, editores, leitores ou de qualquer outro componente que se faz presente do universo do livro.

## **Biografia intelectual e trajetória historiográfica**

Roger Chartier nasceu em 1945 na cidade de Lyon na França, graduou-se como professor e historiador simultaneamente pela Ecole Normale Supérieure de Saint-Cloud e pela Université Sorbonne, entre os anos 1964 1969. Lecionou como professor no Lycée Louis-Le-Grand, em Paris, de 1969 a 1970, fez parte da Université Paris I como assistente de história moderna até o ano 1975. Posteriormente, ocupou o cargo de mestre conferencista de Altos Estudos em Ciências Sociais, onde também foi diretor de estudos. No ano de 2007, tornou-se professor do Collège de France, na cadeira de Écrit et cultures dans l'Europe moderne , onde permanece até a atualidade.

Chartier foi professor convidado de numerosas universidades estrangeiras, estadunidenses, canadenses e europeias, a saber, Princeton, Montreal, Yale, Cornell,

John Hopkins, Chicago, Pensilvânia, Berkeley (LUSTROSA, 2004). Suas obras<sup>2</sup> são de grande repercussão no universo acadêmico, inclusive, foi convidado em diversos eventos no Brasil, forneceu algumas entrevistas durante suas passagens nesse território,<sup>3</sup> além de contar com um repertório significativo de obras em português.<sup>4</sup> Sua intensa vida acadêmica lhe rendeu reconhecimento profissional com prêmios de destaque.<sup>5</sup>

As obras possuem por característica não abranger um único período, tem uma visão mais completa acerca de toda construção do escrito e da leitura, perpassando por diversos momentos da sociedade, com um percurso que pode abranger tanto a Antiguidade Clássica quanto os dias atuais.

O espaço geográfico de suas análises se limita a Europa, não significa que não exista um paralelo com outros locais que também tiveram relações parecidas com a escrita. Ainda deve-se considerar que a Europa possui diferentes realidades, então os casos estudados por Chartier, são bem demarcados e elencados de acordo com seu desenvolver de raciocínio, em exemplo, a abordagem das mudanças e permanências nas edições de Dom Quixote (CHARTIER, 2002A).

---

<sup>2</sup> Entre suas obras, ver: **Les Origines culturelles de la révolution française**. Paris: Editions du Seuil, 1990; **La Correspondance**. Les usages de la lettre au XIXe siècle. Paris: Fayard, 1991; **Storia della lettura nel mondo Occidentale**. Roma: Laterza, 1995; **Culture écrite et société**. L'ordre des livres (XIVe-XVIIIe siècles). Paris: Albin Michel, 1996; **Le livre en révolutions**. Entretiens avec Jean Lebrun. Paris: Editions Textuel, 1997; **Publishing Drama in Early Modern Europe**. Londres: The British Library, 1999; **Identités d'auteur dans l'Antiquité et la tradition européenne**. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2004; **Inscrire et effacer**. Culture écrite et littérature (XIe-XVIIIe siècle). Paris: Gallimard/Le Seuil, 2005; **Cardenio entre Cervantes et Shakespeare**. Histoire d'une pièce perdue, Paris: Éditions Gallimard, 2011.

<sup>3</sup> Algumas entrevistas por ordem cronológica: Entrevistas: PASSIANI, Enio; ROBERTO, Adriana Thomazotti Claro. *Leitura & Cultura: uma abordagem interdisciplinar: Entrevista com Roger Chartier*. **Plural** (São Paulo. Online), São Paulo, v. 6, p. 118-136, dec. 1999. LUSTOSA, Isabel. Conversa com Roger Chartier. **Trópico**, 2004. OLIVEIRA, Cinthya. Desbravador da leitura. **O Tempo**. 04 nov. 2006. ZAHAR, Cristina. Roger Chartier: "Os livros resistirão às tecnologias digitais". Ago, 2007. EDITORIAL, Equipe. Entrevista Roger Chartier. *Revista Observatório Itaú Cultural*, n.17, ago./dez. 2014. São Paulo: **Itaú cultural**, 2007.

<sup>4</sup> Entre algumas obras em português, ver: **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editora, 1988; **O mundo como representação. Estudos avançados**. Vol. 5, n.11. São Paulo. Jan/Abr. 1991; **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999; CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros :leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Ed. da UnB, 1999; **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: ARTMED, 2001; **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002; CHARTIER, Roger. **Leitura e leitores na França do antigo regime**. São Paulo, Ed. UNESP, 2003; **Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003; **À beira da Falésia: A História entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

<sup>5</sup> Vencedor do Prêmio Anual 1990 da Associação Americana Imprensa História; Grand Prix história (prêmio Gobert) da Académie Française para 1992; correspondente bolsista da academia britânica; Doutor Honoris Causa da Universidade Carlos III (Madrid); Presidente do Conselho Científico da BNF e Doutor Honoris Causa da Universidade Santiago do Chile.

Os primeiros estudos do historiador francês que se tornaram livros, se fizeram pensando a história da educação e realizados em coautoria<sup>6</sup>, com enfoque nas comunidades de estudantes e instituição, fator que pode ter levado Chartier a refletir sobre a circulação e apropriação dos textos que se altera na diversidade das instituições educativas em todos os níveis e na variedade das peculiaridades locais. Assim, pode-se questionar a tradição da história na cultura dos livros com um olhar mais centrado na trajetória da leitura e da escrita. Pensar no livro enquanto objeto de estudo da história significa ter em mente uma dimensão ampla de significados. Os indivíduos se apropriam do texto de modos diferentes, existe infinitas possibilidades de interpretação.

Com essa temática em foco, diversos assuntos são analisados por Chartier - variações tipográficas, bibliotecas universais, traduções e acréscimos sofridos por obras famosas, interferência do editor, como o suporte influência a leitura e como a atualidade lida com o ambiente virtual da escrita, são exemplos desses assuntos.

O intelectual francês evidencia que na história do livro não prevaleceu a linearidade, existiram revoluções, a primeira a ser considerada é a da mudança do rolo de papel para o códice, variação que transforma a relação do leitor com o escrito, pois as mãos, a partir desse marco, ficaram livres para manuseio e anotações. Existe a revolução atual do códice para o suporte eletrônico, onde tudo é lido por uma tela, não há mais distinções na qualidade do papel, tamanho, forma, fatores que na sociedade contemporânea estão ainda presenciando por meio de uma espécie de fragmentação da leitura que acontece cada vez mais somente na tela, o que torna o conceito atual de leitura mais amplo.

Apesar de possuir princípios que se aproximam da tradição historiográfica da escola dos *Annales*, <sup>7</sup>pela qual o próprio Chartier afirma pertencer (IDEM, p.21) vai no

---

<sup>6</sup> CHARTIER, Roger.; JULIA, Dominique; REVEL, Jacques. **Les universités européennes du XVIe au XVIIIe siècle**: Histoire sociale des populations étudiantes, tome I. Paris: Editions de l'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (Editions de l'EHESS), 1986; \_\_\_\_\_ COMPÈRE, Marie-Madeleine, JULIA, Dominique. **L'Éducation en France do XVI ao XVIII**, Société d'édition d'enseignement supérieur, Paris, 1976.

<sup>7</sup> Pode-se demarcar o surgimento da História enquanto disciplina unificadora das ciências sociais na data de 1929 pelo movimento historiográfico que se constituiu em torno da revista francesa **Annales d'histoire économique et sociale**. Os *Annales* foram de grande importância no processo de autonomização da História como disciplina científica, pretendiam uma abordagem nova e interdisciplinar, destacavam a importância do historiador abranger suas fontes de estudo. Para considerações mais detalhadas acerca dessa corrente historiográfica, ler: BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929 – 1989)**: a Revolução

caminho a recusa de uma história global e serial, predominante na primeira geração dessa escola. Pode-se dizer que Chartier está em uma Nova História Cultural, preocupada mais com a singularidade dos objetos com suas discontinuidades e permanências,

Concordando com Marc Bloch que afirmava que “tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele”. Roger Chartier ampliou o conceito de fonte histórica, ultrapassando os limites do texto escrito para abordar também as práticas culturais a qual estes estabeleciam ou se inseriam, as formas de produção, reprodução e recepção dos textos. Assim, Chartier valoriza não somente a materialidade, mas, também a oralidade, a forma de ler ou dizer, que segundo ele, em alguns momentos da história e, em determinadas sociedades, foi utilizada para perpetuação do poder. (LIMA, 2011, p.188)

Trabalhar com o escrito está entrelaçado com o pensar a sociedade com um questionamento da divisão entre o erudito e o popular. Chartier propõe que se repense como acontece a partilha de uma cultura em determinada sociedade, uma opção seria considerar o dominante e dominado em uma intensa situação de continuidade e a partir desse ponto, refletir os caminhos que tornam o escrito presente nas classes populares, as opções de leitura e a maneira como se constata o controle sobre os impressos.

A Cultura permeia a sociedade e se expressa por sistemas de representação e atos, pensar como ocorre a circulação é um meio para se pensar a condição de práticas culturais por meio da multiplicidade das relações possíveis. Chartier analisa o livro também em sua materialidade, o que não exclui pensar a cultura um conflito de linguagens possuindo a sua própria dinâmica social.

Em diversos momentos é possível perceber como as ideias desenvolvidas por Chartier possuem aproximação com as de Michel de Certeau<sup>8</sup>, inclusive discutiu suas bases epistemológicas em alguns ensaios. A influência do raciocínio de que o livro ser

---

Francesca da historiografia. São Paulo: Editora Unesp, 1997; DOSSE, François. **A história em migalhas**: dos Annales à Nova História. São Paulo: Ensaio; Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1992.

<sup>8</sup> Principalmente no que se refere a obra: CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008. Nesse livro, Certeau examina as maneiras que as pessoas individualizam a cultura, alterando e se apropriando desde objetos utilitários até planejamentos urbanos e leis, sendo assim, o cotidiano se inventa de infinitas maneiras pelo indivíduo no processo de interação social. Anula a ideia de que existe conformismo puro na recepção da cultura, quer entender as práticas microscópicas cotidianas que fazer a vida existir no cotidiano. O consumo material pode ser pré-determinado, mas não é passivo, existe uma relação entre o sujeito e o objeto

possuído não o torna objeto de leitura provém de Certeau em sua abordagem teórica do livro *A invenção do Cotidiano*. Assim, não existem garantias de que um texto será lido se pertence a determinada pessoa, ou que exista a posse individual do livro, é preciso considerar as possibilidades de empréstimos ou leituras coletivas.

O consumo cultural é uma produção - silenciosa, disseminada, anônima, sendo que a diferenciação de leituras pode alterar o modo que essa produção se concretiza. Um texto cria novos públicos e novos usos, o mesmo texto apresentado para distintos leitores em momentos e locais diferentes pode produzir sentidos distantes um dos outros, isto é, a partilha dos mesmos bens culturais pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade, cria novas distinções capazes de apontar desvios culturais.

Michel de Certeau não foi o único mencionado pelo historiador francês no decorrer de suas obras, importantes nomes para historiografia atual são destacados, um deles é o de Nobert Elias, que apesar de não ser historiador de formação, possui uma análise social interessante sobre a civilidade que contribui para interpretação de Chartier:

Destinada a disciplinar as condutas, a encarnar-se em gestos e dizeres, a civilidade, no entanto, é, de início, textos e livros. Ela atesta que na França de entre os séculos XVI e XVIII, embora a alfabetização seja ainda apenas minoritária e a palavra e a imagem permaneçam essenciais, o escrito impresso já desempenha um papel de primeira importância na circulação dos modelos culturais. (CHARTIER, 2003, p.91)

Pensa a leitura não apenas como uma operação intelectual abstrata, mas também inscrição dentro de um espaço, relação consigo mesmo ou com os outros, que pode ser usada para fins muito além da obtenção de informações, dentro de um mecanismo da apropriação e a variabilidade histórica da leitura,

A leitura não é somente uma operação abstrata de intelecção; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros. Eis por que deve-se voltar a atenção particularmente para as maneiras de ler que desapareceram em nosso mundo contemporâneo. Por exemplo, a leitura em voz alta, em sua dupla função: comunicar o texto aos que não o sabem decifrar, mas também cimentar as formas de sociabilidade imbricadas igualmente em símbolos de privacidade – a intimidade familiar, a convivência mundana, a convivência letrada.

Uma história da leitura, não deve, pois, limitar-se à genealogia única de nossa maneira contemporânea de ler em silêncio e com os olhos. Ela tem, também e sobretudo, a tarefa de encontrar os gestos esquecidos, os hábitos desaparecidos. Essa iniciativa é muito importante, pois revela além da distante estranheza de práticas antigamente comuns, estruturas específicas de textos compostos para usos que não são mais os mesmos dos leitores de hoje. (CHARTIER, 1999A, p.16-17)

A leitura e todos os gestos que a compreendem são variantes históricos de apropriação, ou seja, a compreensão e uso do que está escrito, muda de acordo com fatores presentes na prática da leitura. O universo dos hábitos de leitura significa que existem nuances consideráveis para estudo - os textos não podem ser averiguados à parte de seu suporte e de seu contexto de leitura.

Os usos dos textos, os modos e as práticas da leitura podem ser condicionados pela posição social do leitor: se o indivíduo pertence à elite, sua leitura é feita de um modo, mesmo fenômeno acontece se for proveniente de outra classe. Os desafios que a leitura se coloca são amplos, então pensar em uma leitura provoca uma elaboração de significados que não se restringem as palavras escritas, pois necessitam ser construídos pelo leitor.

A leitura dos textos não acontece de maneira semelhante, a distancia é grande entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis que não dispõem das mesmas bases intelectuais ou a mesma reação com o escrito,

As obras não têm sentido estável, universal, imóvel. São investimentos de significações plurais e móveis, construídas na negociação entre uma proposição e uma recepção, no encontro entre as formas e os motivos que lhes dão sua estrutura e as competências ou as expectativas dos públicos que delas se apropriam. (CHARTIER, 2002A, p.93)

## **Do rolo ao códice**

A forma pelo qual o escrito se apresenta interfere no modo que o leitor o manuseia, o rolo que era utilizado no Egito a 3000 a.C apresentava dificuldade no manejo, uma obra manuscrita poderia ser composta por até mais que 20 rolos, o que pressupunha dificuldade no transporte, na maneira de guardá-lo, folheá-lo e na



disseminação do escrito. Havia a necessidade do leitor segurar as duas pontas do rolo, no processo que consistia em enrolar a parte superior e desenrolar a parte inferior, posição que ocupava a mão do leitor e impossibilitava as anotações sem o auxílio de um outro indivíduo. A leitura, deste modo, era sequencial, não era possível percorrer aleatoriamente pelo suporte, como se faz hoje com o livro encadernado em papel, também intitulado como códice,

No século IV da era cristã, uma nova forma de livro se impôs, definitivamente, em detrimento daquela que era familiar aos leitores gregos e romanos. O códex, isto é, um livro composto de folhas dobradas, reunidas e encadernadas, suplantou progressivamente, mas inelutavelmente, os rolos que até então haviam carregado a cultura escrita. Com a nova materialidade do livro, gestos impossíveis tornavam-se comuns: assim escrever enquanto se lê, folhear uma obra, encontrar um dado trecho. Os dispositivos próprios do códex transformaram profundamente os usos dos textos. A invenção da página, as localizações garantidas pela paginação e pela indexação, a nova relação estabelecida entre a obra e o objeto que é o suporte de sua transmissão tornaram possível uma relação inédita entre leitores e livros. (CHARTIER, 2002B, p.106)

O códice possui páginas sequenciais, inaugura uma maior liberdade de passagens pelo texto, muda a relação postural da leitura, pode-se ler sentado, deitado, sem grandes obstáculos. No códice pode-se criar novos elementos de localização dentro do próprio texto, como índice, marcação do leitor e anotações.

Existe uma padronização básica de apresentação de texto no códice, que se alteram de acordo com a conveniência das sociedades, em exemplo, o espaçamento entre as linhas e a ordem da leitura da esquerda para direita no Ocidente, fatores que auxiliam a organização do pensamento do leitor. Denominadas por Chartier como protocolos de leitura, a ordem do livro, visa à articulação dos conteúdos, mas isso se modifica pelo suporte do texto (no caso do livro eletrônico essa organização se faz cada vez mais heterogênea, é facilmente possível alterar a disposição dos capítulos).

## **Autoridade acerca da produção do livro**

A criação do livro não é uma idealização apenas do autor, tem a colaboração de impressores, livreiros, designers, ilustradores e editores, logo, autor não significa nesse contexto, possuir autoridade acerca do escrito. Talvez o editor<sup>9</sup>, visto como um comerciante e intelectual, consiga ter mais autonomia na produção dos livros, porém, os outros componentes continuam a interferir no livro como um todo. Ainda existem as intervenções que podem alterar a leitura, como a tipologia de letras, mancha tipográfica, seleção e introdução de imagens, legendas explicativas, notas, capas, índices, todos esses elementos ficaram bem mais evidentes após a mecanização da elaboração do códice.

Em meados do século XV, Johann Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg pôs em utilização os tipos móveis para impressão, fator que aumentou a quantidade de produção de livros em questão de técnica, essa prática tornou o objeto livro mais acessível. A cópia manuscrita deixou de ser o único recurso acessível para garantir e circulação da cultura textual. A estrutura fundamental do livro não se transforma com Gutenberg, mas também não se pode ignorar que esse acontecimento não é somente uma técnica de reprodução eficaz do texto, interfere nas estruturas e nas formas do suporte que são usados na comunicação com os leitores.

As formas de produção de papel também fizeram com que os livros pudessem se tornar mais acessíveis, por meio de uma sucessão de mudanças tecnológicas na produção e impressão de papel. Na segunda metade do século XIX, com a Revolução Industrial, os ofícios do livro se inseriram nesse amplo contexto de produção e acumulação de capital, passando a ser um modelo de negócios empreendedor.

O processo de construção de sentido faz com que a escrita afete mesmo aqueles que não produzem ou lêem textos, mas interagem com eles, lembrando que a

---

<sup>9</sup> Nos anos de 1830, fixa-se a figura do editor que ainda conhecemos. Trata-se de uma profissão de natureza intelectual e comercial que visa buscar textos, encontrar autores, ligá-los ao editor, controlar o processo que vai da impressão da obra até sua distribuição. CHARTIER. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999. P.50.

convivência com o impresso nos séculos XVI e XVII não implicava necessariamente o livro, poderia ser manifestado sob outras formas:

Nos séculos XVI e XVII, sob formas diversas, que quase sempre autorizam uma dupla leitura, a do texto e a da imagem, a imprensa difundiu amplamente um material tipográfico abundante, destinado a ser afixado, colado nas paredes das casas e das igrejas, dos quartos e das oficinas. (CHARTIER, 2003, p.113)

## **Biblioteca Azul**

Durante muito tempo se manteve a crença da possibilidade de uma biblioteca universal que contivesse todo conhecimento produzido pela humanidade. Houve inclusive, momentos que se cogitou a concretude de tal possibilidade:

“Quando se proclamou que a biblioteca guardava todos os livros, a primeira reação foi de uma extravagante felicidade.” Por meio de imagens diversas, o sonho de uma biblioteca reunindo todos os saberes acumulados, todos os livros jamais escritos, atravessou a história da civilização ocidental. Esse sonho fundamentou a constituição de grandes “livrarias”, fossem elas principescas, eclesiásticas ou particulares; ele justificou a busca tenaz de livros raros, edições perdidas, textos desaparecidos; ele comandou o gesto arquitetural destinado a construir edifícios capazes de acolher a memória do mundo. (CHARTIER, 1999A, p.67-68).

O surgimento da imprensa arruinou toda a esperança de esgotamento de textos, reunir todos os escritos em um local se tornou uma tarefa impossível no suporte material. Entretanto, a mudança na forma de produção do papel não significou uma revolução pela perspectiva de Chartier, mas é inegável que é um fator importante, por isso também é um dos seus temas de estudo as estratégias editoriais.

Nesse momento, surge uma nova característica de livro que não necessariamente entrará nos registros dos catálogos e inventários, no qual o valor precisava ser justificado para constar neste documento. Reforçando a teoria de que o acesso ao impresso não pode ser reduzido à exclusiva posse do livro ou a sua discriminação em documentos oficiais, é preciso considerar que para se ler um livro não é preciso tê-lo:

É assim que, na França do Antigo Regime, a cultura do povo foi duplamente identificada, lida num conjunto de textos presentes nos livros baratos, vendidos por ambulantes e conhecidos pelo nome genérico de “Biblioteca Azul” – e num conjunto de crenças e gestos considerados como próprios de uma “religião popular”. Nos dois casos, o popular foi definido por sua diferença com aquilo que ele não é: a literatura erudita de um lado, o catolicismo de outro. (CHARTIER, 2003, p.8)

A Biblioteca Azul ou os livros azuis receberam esse nome por possuir peculiaridades que os diferenciavam dos outros impressos: eram livros e brochuras de baixo preço, muitos deles encapados em papel azul. Esses livros, em sua maioria, possuíam o intuito de atingir um público mais amplo, por este motivo, variadas transformações foram realizadas pelos corretores que modificavam apresentação do texto, saber, a multiplicação de capítulos e o aumento do número de parágrafos. O intuito era atender demandas de um público que tem uma leitura interrompida com escassos pontos de referência, assim era feita a diminuição dos textos, compressão das frases, poderia, inclusive, retirar alusões a conteúdo que eram proibidos pela Reforma católica.

Esses textos eram produzidos rapidamente e sem grandes cuidados, necessitavam de uma edição barata e um público que parecesse receptor a obra:

Os livros da Biblioteca Azul ou os *chapbooks* ingleses publicam textos que já foram publicados de outra forma e por outros, mas, ao dar-lhes novas formas, os colocam ao alcance econômico e intelectual de novos leitores, cuja leitura não é a dos letrados. Sua leitura exige sequências breves, separadas umas das outras, fechadas sobre si mesmas; ela pede o auxílio da imagem, que mesmo já tendo sido empregada permite indicar ou memorizar o sentido; requer mais a repetição que a invenção – cada novo texto é uma espécie de variação sobre temas e motivos já conhecidos. (CAVALLO; CHARTIER, 2002, p.126)

Impressos em grandes quantidades e divulgados pelos ambulantes, os livros azuis têm seu apogeu na época de Luiz XIV, mas não foi exclusividade do território francês, outras partes da Europa também presenciaram esse processo de busca por um vasto público,

O fenômeno não é, aliás, exclusivamente francês: em Inglaterra ou em Espanha, é também nos séculos XVII e XVIII que se multiplicam os pequenos livros em grande circulação, destinados a um público que, na sua maior parte, é popular. [...] A *Bibliothèque bleue* não é, pois, uma originalidade francesa: inscreve-se, com as suas formas e os seus conteúdos próprios, entre as publicações que os editores europeus, em diferentes espaços nacionais destinam à maioria. (CHARTIER, 1988, p.165-166)

## Revolução do eletrônico

Roger Chartier se preocupa com as alterações no suporte dos textos, como foi elencado anteriormente, ele aborda acerca das transformações atuais, considerando o livro eletrônico como uma revolução, por interferir nas estruturas do suporte e nas maneiras de ler. As tecnologias atuais pelo universo virtual fazem com que os textos não sejam prisioneiros do seu material original. Esses textos se apresentam em um novo aspecto que impactam o cotidiano, sendo até parâmetro de comparação,

De fato, a primeira tentação é comparar a revolução eletrônica com a revolução de Gutenberg. Em meados da década de 1450, só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão, e de repente uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, transfigurou a relação com a cultura escrita. (CHARTIER, 1999(A), p.7)

A revolução do nosso presente tem mais impacto do que a de Gutenberg, consoante a Chartier, pois vai além de somente modificar a técnica de reprodução do texto, é mais radical porque muda a forma de comunicação aos seus leitores. O livro impresso foi herdeiro direto do manuscrito, manteve a hierarquia dos formatos (CHARTIER, 1999A, p.19), enquanto isso,

A revolução do texto eletrônico será ela também uma revolução da leitura. Ler sobre uma tela não é ler um códex. Se abre as possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; a às relações de contiguidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. (CHARTIER, 1999B, p.100-101)

Com a tela, todos os textos, sejam eles de qualquer gênero (livros, revistas, artigos acadêmicos, jornais) são lidos em um mesmo suporte e nas mesmas formas. Cria-se assim uma continuidade que não mais diferencia os discursos a partir da materialidade, é possível ler uma notícia de um jornal renomado que se apresente na mesma configuração que um *fake news*<sup>10</sup>. Surge disso uma primeira inquietação ou até confusão dos leitores, que devem enfrentar o desaparecimento dos critérios imediatos, visíveis, materiais, que lhes permitiam distinguir, classificar e hierarquizar os discursos (CHARTIER, 2003, p.23)

O texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica, nisso pode não perceber a totalidade textual. Obviamente, nenhum leitor é obrigado a ler todo o conteúdo de um livro impresso, porém a própria materialidade do livro impõe a percepção da identidade e coerência da obra e dos textos que ela contém.

O sonho de uma biblioteca universal, se faz presente nesse meio virtual, possuir acesso aos textos se torna cada vez mais intenso, entretanto, esse sonho sedutor não deve extinguir os outros suportes,

A biblioteca eletrônica sem muros é uma promessa do futuro, mas a biblioteca material, na sua função de preservação das formas sucessivas da cultura escrita, tem, ela também, um futuro necessário. (CHARTIER, 1999<sup>a</sup>, p.153)

O essencial da leitura hoje é transmitido pela tela do computador, apesar de ainda estarmos em um momento no qual coexistem impresso e o virtual, isso não significa o fim do livro ou da leitura ou uma ameaça ao texto. Nas telas dos computadores o texto também se apresenta – com mais outras funções imagens, vídeos, jogos. O que acontece cada vez mais é a leitura fragmentada, a internet retira obrigação de ler uma obra inteira e a compreender em sua totalidade, mesmo porque é possível acessar resumos de maneira muito eficiente. Deve-se entender as diferenças de leituras,

---

<sup>10</sup> Tradução literal: Notícia Falsa. São histórias criadas ou versões adulteradas produzidas para atrair atenção do leitor, sem que se possa comprovar a veracidade das informações.

um romance é uma obra para se ler lentamente e ao pular de uma informação a outra, como se faz ao ler notícias ou um site, a essência da reflexão será perdida.

Salienta-se que leitores, espectadores e ouvintes atribuem sentido aos textos e deles se apropriam, conforme categorias socioculturais ativadas durante a leitura, no qual o lugar em que ler, as competências e o suporte, influência nesse contexto, por este motivo,

Como leitores, como cidadãos, como herdeiros do passado, devemos, pois, exigir que as operações de digitalização não ocasionem o desaparecimento dos objetos originais e que seja sempre mantida a possibilidade de acesso aos textos tais como foram impressos e lidos em sua época. (CHARTIER, 2002A, p. 29)

## **Considerações finais**

Com o surgimento da Escola dos Annales, os materiais que a História tem como objeto se ampliaram, assim como os temas abordados se tornaram mais variados. Um dos pontos que passou a ter destaque é o da cultura. Sobre esse assunto, Roger Chartier, um historiador de prestígio no meio acadêmico, embasa suas análises, tentando compreender o desenvolvimento no qual a produção do escrito esteve inserida durante vários períodos da humanidade, se interessou pelo processo em que diferentes agentes se envolveram com a publicação e conseguiram, assim, dar sentido aos textos que transmitem, imprimem e leem.

Os textos não existem excluídos de seus suportes materiais ou virtuais, muito menos sem a presença do leitor; sem o receptor, o texto perde sua essência verdadeira em sua dimensão coletiva. A leitura é uma prática de múltiplas diferenciações, em função das épocas e dos meios fornecidos com formas de significação dependentes da maneira como é lido, ou seja, existem modificações se a leitura acontece em voz alta com companhia em praça pública, ou de maneira silenciosa e solitária em um quarto.

As mudanças nas formas de produção, possibilitadas por Gutemberg, foram responsáveis por alterar o papel cultural atribuído ao texto, fator que o tornou mais acessível gradativamente. Enquanto que a Biblioteca azul com seus títulos produzidos

em grande quantidade foram importantes para que obras renomadas recebessem várias edições e alcançassem espaços menos elitizados no seu período de circulação.

As novas formas de significação do texto estão postas para ameaçar a homogeneidade do códice, a sociedade contemporânea retorna, aos poucos, para uma leitura parecida com a do rolo - a tela do computador. Essa transformação permite alterações no que se entende como escrito na contemporaneidade, uma delas é o acesso mais democratizado ao escrito com uma probabilidade maior do próprio leitor ser um escritor dentro do seu horizonte de possibilidades, sendo cada vez mais tangível a utopia de uma biblioteca universal.

## Referências

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Cultura escrita: práticas de leitura e do impresso. **R. Eletr. Bibliotecon**, Florianópolis, 1. sem. 2009. Disponível em: <[https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2009v14nesp1p1/198\\_29](https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2009v14nesp1p1/198_29)>. Acesso em: 30 dez. 2017.

CARDOSO, Ciro Flamarion. O uso, em história, da noção de representações sociais desenvolvida na psicologia social: um recurso metodológico possível. **Psicologia e saber social**, 1(1), 40-52, 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/viewFile/3244/2262>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. **Estudos avançados**. Vol. 5, n.11. São Paulo. Jan/Abr. 1991.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999A.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Ed. da UnB, 1999B.

\_\_\_\_\_. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

\_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002A.

\_\_\_\_\_. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002B.



\_\_\_\_\_. **Leitura e leitores na França do antigo regime**. São Paulo, Ed. UNESP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Formas e sentido. Cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. Vol.1 SP: Ática, 2002.

COLLÈGE DE FRANCE. Site. Disponível em: <<https://www.college-de-france.fr/site/roger-chartier/index.htm#content.htm>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

EDITORIAL, Equipe. Entrevista Roger Chartier. **Revista observatório Itaú cultural**, n.17, ago./dez. 2014. São Paulo: Itaú Cultural, 2007. Disponível em: <[http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2014/07/OBS17\\_BOOK-PDF-final.pdf](http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2014/07/OBS17_BOOK-PDF-final.pdf)>. Acesso em: 01 jan. 2018.

LIMA, Julio Cesar Rodrigues. Roger Chartier, o universo simbólico e a escrita da história. **Nearco**, v. 1, p. 181-189, 2011. Disponível em: <<http://www.neauerj.com/Nearco/arquivos/numero8/13.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

LUSTOSA, Isabel. Conversa com Roger Chartier. **Trópico**, 2004. Disponível em: <<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/123456789/658/1/LUSTOSA%2c%20I.%20-%20Conversa%20Roger%20Chartier.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

MERLIN, Hélène. L'Ordre des livres, Lecteurs, auteurs, bibliothèques en Europe entre XIVE et XVIIIe siècle. **Annales. Histoire, sciences sociales**, v. 49, p. 438-441, 1992. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395649\\_1994\\_num\\_49\\_2\\_279269\\_t1\\_0438\\_0000\\_002](http://www.persee.fr/doc/ahess_0395649_1994_num_49_2_279269_t1_0438_0000_002)>. Acesso em: 05 jan. 2018.

OLIVEIRA, Cinthya. Desbravador da leitura. **O Tempo**. 04 nov. 2006. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/desbravador-da-leitura-1.319068>>. Acesso em: 01 jan. 2018.

PASSIANI, Enio; ROBERTO, Adriana Thomazotti Claro. Leitura & cultura: uma abordagem interdisciplinar: Entrevista com Roger Chartier. **Plural (São Paulo. Online)**, São Paulo, v. 6, p. 118-136, dec. 1999. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/77128/80997>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

PROST, Antoine. L'Education en France du XVIe au XVIIIe siècle. **Revue Française de pédagogie (Paris)**, v. 38, p. 37-39, 1976. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/rfp\\_0556-7807\\_1977\\_num\\_38\\_1\\_2103\\_t1\\_0037\\_0000\\_2](http://www.persee.fr/doc/rfp_0556-7807_1977_num_38_1_2103_t1_0037_0000_2)>. Acesso em: 05 jan. 2018.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do conceito de representação. **Rev. de teoria da história**. Ano 3, Número 6, dez/2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28974/16144>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

ZAHAR, Cristina. Roger Chartier: Os livros resistirão às tecnologias digitais. **Nova Escola**. Ago, 2007. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/938/roger-chartier-os-livros-resistirao-as-tecnologias-digitais>>. Acesso em: 01 jan. 2018.